



COINTER PDVL 2023

X CONGRESSO INTERNACIONAL DAS LICENCIATURAS
Edição Presencial Recife (PE) | 29, 30 de nov a 1 de dez
ISSN: 2358-9728 | PREFIXO DOI: 10.31692/2358-9728

TEMOS UM ESTUDANTE SURDO, E AGORA? EXPERIÊNCIAS DO PROCESSO DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO DAS AULAS DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UFPE¹.

TENEMOS UN ALUMNO SORDO, ¿Y AHORA QUÉ? EXPERIENCIAS DEL PROCESO DE TRADUCCIÓN/INTERPRETACIÓN DE CLASES EN LA LICENCIATURA DE PEDAGOGÍA DE LA UFPE.

WE HAVE A DEAF STUDENT, NOW WHAT? EXPERIENCES OF THE TRANSLATION/INTERPRETATION PROCESS OF CLASSES IN THE PEDAGOGY DEGREE COURSE AT UFPE.

Apresentação: Relato de Experiência

José Roniero Diodato²; Jaqueline Costa da Silva³;

INTRODUÇÃO

O ingresso de pessoas surdas nas universidades brasileiras é uma constante a cada semestre. No âmbito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) não é diferente. Desde que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) passou a ser traduzido para Língua Brasileira de Sinais (Libras), os surdos têm conquistado esse espaço cada vez mais enquanto cidadão de direito, conforme a Carta Magna (BRASIL, 1988); o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005) que regulamenta a Lei de Libras (BRASIL, 2002) que a reconhece como língua oficial da Comunidade Surda Brasileira e a Lei Brasileira de Inclusão – LBI (BRASIL, 2015) que trata da garantia da acessibilidade à todas as pessoas com deficiência. Embora saibamos que para a pessoa surda, a surdez seja vista como identidade (PERLIN, 2001), a LBI aponta enquanto uma deficiência e exige que os espaços devem ser acessíveis, inclusive com a presença do Intérprete de Língua de Sinais (TILS), profissional reconhecido através da Lei 12.319 (BRASIL, 2010).

Nessa perspectiva, esse trabalho tem como objetivo apresentar as experiências de tradução e interpretação das aulas do curso de Licenciatura em Pedagogia, devido a presença de um estudante surdo, ingressante no curso em questão na primeira entrada do ano de 2021. A partir do trabalho dos TILS, tanto no decorrer das aulas - tradução de material didático (poemas,

¹ Universidade Federal de Pernambuco.

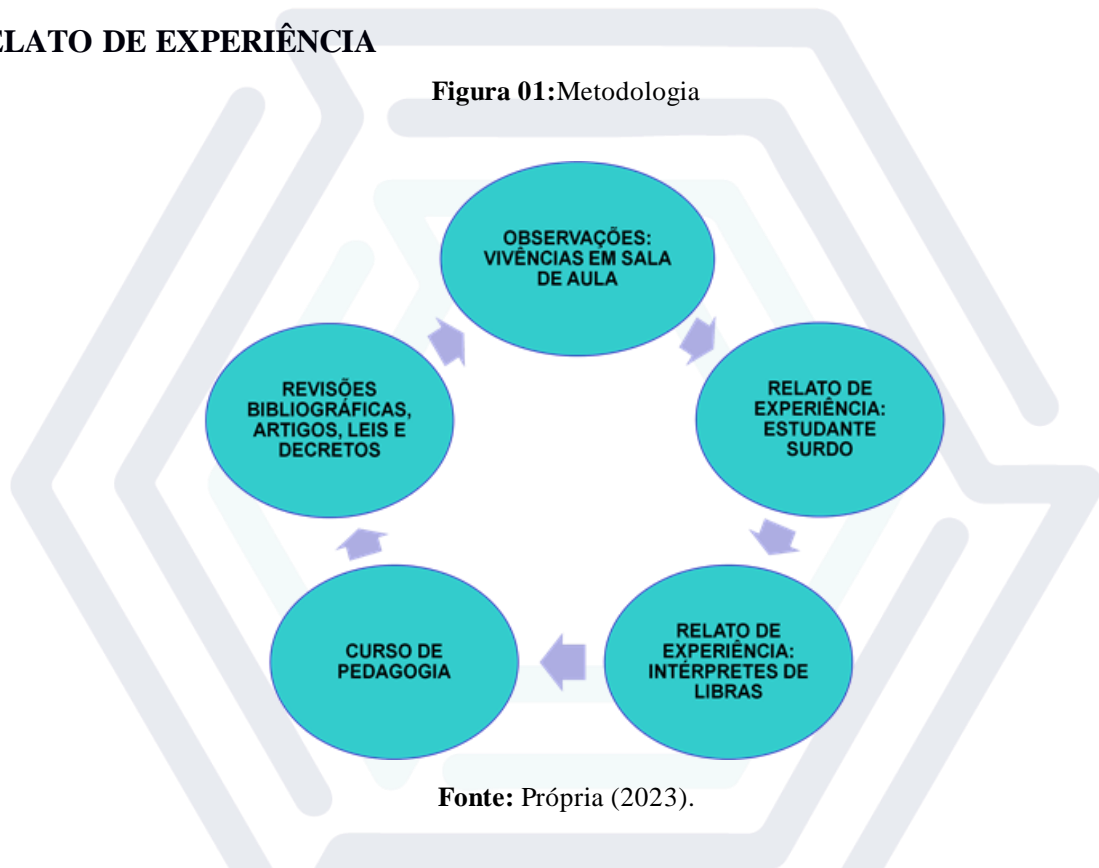
² Mestre em Educação, Pedagogo, Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais/Universidade Federal de Pernambuco; Professor de Libras/Universidade de Pernambuco, jose.diodato@ufpe.br

³ Especialista em Tradução/Interpretação de Libras, Pedagoga, Professora de Libras, Tradutora e Intérprete de Língua de Sinais/Universidade Federal de Pernambuco, jaqueline.costal@ufpe.br

vídeos, textos etc.), trabalhos em grupo, avaliação, dentre outros, quanto o relato de experiência do estudante surdo imerso num curso formado, majoritariamente formado por pessoas ouvintes (não usuário da Libras), foi possível elencar e apresentar resultados que consideramos relevantes para o âmbito acadêmico. As reflexões sobre a presença de um estudante surdo no espaço educacional e os desafios que o corpo docente enfrentará para lidar com esse aluno, está presente na obra de Lacerda (2013) intitulada “Tenho um aluno surdo, e agora?”, que inclusive, inspirou o título desse relato.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Figura 01: Metodologia



Os relatos das experiências analisadas são especificamente dos autores deste trabalho. O primeiro é o estudante surdo, com trinta e três anos de idade, residente no município de Carpina/PE e possui outra graduação, Licenciatura em Letras Libras, curso ofertado pela UFPE em que a maioria das disciplinas é ministrada em Libras. A equipe de intérpretes é formada por dois Servidores/Técnicos Educacionais (TAEs) na função de TILS, ambos com formação em Licenciatura em Pedagogia e Letras Libras que os habilita para Professores de Libras. Além disso, um deles é Mestre em Educação, enquanto a outra foi recém aprovada na seleção do

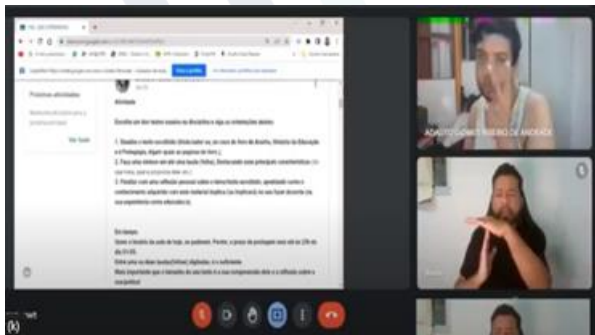


Mestrado também em Educação e que iniciará suas atividades no ano de 2024.

O recorte temporal se refere aos dois períodos em que o estudante cursou as disciplinas de forma remota devido a proliferação da pandemia do COVID-19. Conforme relato do estudante surdo ele aponta que, embora seja um curso, cuja língua de instrução é a Língua Portuguesa, a *acessibilidade* é garantida com a presença dos TILS em todas as aulas, avaliações, apresentação de trabalho, etc. Sobre a *tradução de material didático*, como textos acadêmicos, sejam artigos ou capítulos de livros, apesar do estudante surdo enfatizar a satisfação pelo trabalho, não foi possível fazer a tradução de todo material, no entanto, sempre que o estudante solicita tradução, a equipe de TILS faz o trabalho, de acordo com a disponibilidade da agenda.

Os TILS, em comum acordo, afirmam a satisfação de estarem trabalhando no âmbito superior. Os intérpretes chamam a atenção para uma questão muito importante: as *estratégias de tradução* que diferem de uma disciplina para outra. Afirmam ainda que se sentem desafiados e, ao mesmo tempo, confortáveis com o trabalho, pois atuam na área de formação (Pedagogia e Letras Libras). O fato dos intérpretes serem formados na mesma área de atuação (mesmo não sendo obrigatório para sua atuação) contribui para melhor compreensão e tradução dos conteúdos que estão sendo ministrados; segurança e boa qualidade da interpretação e, para o usuário da Libras, promove uma boa compreensão do enunciado sinalizado.

Figura 02: Tradução de vídeo - disciplina História Geral da Educação



Fonte: Própria (2023).

Figura 03: tradução de curso, disciplina Aspectos Socioafativos do desenvolvimento



Fonte: Própria (2023).

CONCLUSÕES

A promoção e melhoria da acessibilidade nos espaços da UFPE fez (e ainda faz) parte do projeto de candidatura e gestão dos novos Reitores (2019-2027), pois podemos acompanhar, na prática, o quanto os gestores são sensíveis à causa dos estudantes com deficiência. O fato da

experiência de tradução/interpretação ter sido de forma remota, apesar dos problemas com as questões tecnológicas, como a conexão da internet, não diferem do trabalho realizado de forma presencial⁴.

Apenas o uso da máscara foi considerado um complicador no trabalho presencial por não permitir a visualização das expressões faciais, comprometendo (sem prejuízo) a compreensão do conteúdo traduzido por parte do estudante surdo. Apesar de dois intérpretes terem formação superior em Pedagogia, consideram como desafiador o fato de traduzirem as aulas por outra perspectiva, pois pesa sobre eles a responsabilidade de fazer parte da formação de professores surdos.

Face a essa afirmativa é importante frisar que não há um curso de formação de intérpretes que os prepare para um área específica do conhecimento, dessa forma, por serem intérpretes da língua de sinais, é permitido que atuem em qualquer curso no âmbito da UFPE.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em 13 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, 2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm Acesso em 08 out. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em 8 set. 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em 8 ago. 2022.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos (Orgs.). **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução à Libras e Educação de Surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2014

PERLIN, Gládis T.T. Identidades surdas. In Skliar Carlos (org.) **A Surdez:** um olhar sobre as

⁴ Ressaltamos que o trabalho continua até a conclusão do curso por parte do estudante surdos e que novas experiências são adquiridas ao longo de cada semestre.



PRINCIPAL, et al.

diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

